

CATHERINE BELL

JANE
AUSTEN

~ e ~

a arte das palavras

Tradução
CLAUDIA ABELING

TORDESILHAS



PRIMEIRA PARTE

*“Gostar de dançar era um passo
para se apaixonar.”**

JANE AUSTEN EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

AMOSTRA

* Tradução de Alexandre Barbosa de Souza, assim como todos os trechos de *Orgulho e Preconceito*. São Paulo: Penguin, 2011. [N. da T.]



STEVENTON, CONDADO DE HAMPSHIRE

22 de dezembro de 1795

Uma luz fraca matinal passava por uma fresta entre as cortinas e batia no chão liso do quarto de Jane. Todos os dias, ela puxava o cobertor até por cima do nariz e refletia sobre se deveria dar um grito para chamar a moça ou não. Se o fizesse, rapidamente um fogo acolhedor estaria crepitando na lareira. Ela poderia se mexer debaixo da coberta, alcançar a escrivaninha sem congelar as solas dos pés e até segurar a pena sem tremer demais. A desvantagem era — como de costume — evidente. Seu grito não passaria despercebido por Cass. Ela se sentaria e, despenteada e brava, olharia para Jane; por fim, a repreenderia como só as irmãs mais velhas sabem fazer: “Você tem *mesmo* que fazer isso, Jane?”.

Mas aquele não era um dia normal e exatamente esse era o azar. Jane podia gritar à vontade que não despertaria Cass. Essa estava a quilômetros de distância, em Kintbury. Não para fazer uma visita *qualquer*, mas para passar o Natal com os futuros sogros. Isso queria dizer que Cass estava para se casar e esse pensamento era terrível. Afinal, elas dividiam o quarto desde sempre. Por quase vinte anos. E tudo mudaria a partir de então.

Naquela luminosidade mortiça, o cômodo parecia grande e desconfortável.

Jane suspirou. Havia mais uma coisa que lhe dava mau humor e era o fato de que também Susanna, a moça, não viria. Que não arrumaria as camas de Jane e Cass nem acenderia o fogo. Para conseguir cuidar dos Austen no Natal, a boa alma antecipava a comemoração com a mãe em Basingstoke. Sem dúvida, Susanna merecia alguns dias longe dali, mas nesse instante ela sentia quase tanta falta dela quanto da irmã.

Algo que, visto com serenidade, era um absurdo total. Susanna era uma jovem simpática, mas impossível de ser comparada Cass. Jane se descobriu. Céus, como estava frio! Tremendo, ela rapidamente voltou a puxar a coberta sobre o rosto e, sussurrando, reclamou da vida. Esse não era, de modo algum, um jeito agradável de começar o dia.

Bem, ela juntaria então toda força e dinamismo para acender o fogo sozinha. E, em seguida, não passaria a manhã inteira pensando em Susanna ou em Cass, mas ficaria animada na expectativa pelos dias de festa, visitaria Alethea e prestaria atenção nas fofocas do vilarejo. Nesse sentido, ninguém estava melhor informada do que sua melhor amiga — embora sua casa ficasse bem mais distante de Steventon do que a casa paroquial, na qual Jane vivia. Jane, por sua vez, gostava de conversar com as pessoas, mas tinha dificuldade em guardar todos os detalhes das histórias que ouvia. Muitas vezes ela os misturava com sua fantasia. Tratava-se de algo absolutamente prático para o trabalho de uma escritora, mas a pretensão de Alethea de que os boatos continham ao menos um pingo de verdade não agradava a Jane.

Ela fechou os olhos, contou baixinho até três, finalmente afastou a coberta e saiu da cama. Para encostar sempre apenas um pé no chão, foi saltando até a lareira, no caminho pegou o cachecol de lã da poltrona, deu três voltas ao redor do pescoço e puxou-o para baixo a fim de proteger os ombros, pegou o estojo de metal em que guardava os palitinhos de madeira para acender fogo, mas o deixou cair porque seus dedos estavam duros de frio. Vestir-se primeiro era mais inteligente. Então, colocou três meias soquete, uma sobre a outra, a meia-calça, a anágua, o vestido de baixo e, por último, o vestido de lã. Ela pegou novamente o estojo de metal, tentou manter a mão firme e acabou conseguindo acender um fogo na lareira — débil, mas um fogo.

Jane soprou as mãos. Abriu as cortinas e olhou para o jardim, que brilhava prateado pela geada. À esquerda, ficava a horta cercada de sua mãe, agora sem vida. Na primavera e no verão, porém, reluziam ali as flores laranjas da capuchinha, vagens subiam pelas espaldeiras, abóboras e batatas cresciam rodeadas por macieiras e pereiras baixas. Atrás, erguiam-se colinas suaves, à direita limitadas por carvalhos e bétulas. O irmão mais velho de Jane havia plantado uma tília perto da casa, cujas folhas brotavam, verdes e delicadas, na primavera e cujo aroma suave atravessava, pelas manhãs, as janelas abertas. Agora seus galhos pareciam austeros e tristes e Jane desviou o olhar, apertou o cachecol um pouco mais, acendeu duas velas e sentou-se junto à sua escrivantina.

Ela pegou o tinteiro, a pena e uma pilha de papel à qual, a cada dia acrescentava mais duas folhas escritas e tentou se concentrar. Certo dia, no verão passado, Elinor e Marianne Dashwood tinham surgido na mente

de Jane, duas personagens ainda um pouco desfocadas. Desde então, seus contornos iam se tornando cada vez mais nítidos — Elinor, que em sua rigidez e frieza intelectual parecia excepcionalmente superior, e Marianne, impetuosa e muito agitada para ser uma dama. Jane amava febrilmente ambas as irmãs imaginadas e quando começava a escrever sobre elas, o mundo diante das janelas desaparecia, tanto a casa paroquial quanto seus moradores desbotavam: seus pais e Cass, os funcionários e as visitas do momento, que eram o irmão mais velho de Jane, James, e a pequena Anna.

Ela havia desenvolvido um enredo básico, que deveria ser suficiente. Jane gostava de escrever sem pensar muito, embora de maneira não totalmente livre — era preciso haver um parapeito no qual se segurar, uma linha que corresse ao longo da história. Se não, ela acabaria desviando às vezes para um lado ou para outro. Isso não era bom, a tensão não aparecia; ao mesmo tempo, Jane sabia que a criatividade precisava de liberdade. Algumas vezes ela tinha tentado imaginar um esquema preciso da ação, anotando cena por cena, colocando setas bem traçadas e anotações feitas com letrinhas minúsculas. Depois de algumas tentativas, que lhe pareceram todas malsucedidas, ela atirou o esboço no fogo. Jane precisava de um caminho do meio — ela tinha de saber para onde queria ir, mas ligeiras ramificações eram interessantes, desvios estavam permitidos.

Jane mergulhou a pena no tinteiro e hesitou. Esse também era um problema de seu modo de escrever: seu pai gastava uma verdadeira fortuna no papel que ele lhe disponibilizava com alegria, embora às vezes ela ficasse com a consciência pesada por causa desse passatempo custoso. Sim, manter um cavalo era ainda mais caro, mas havia também inúmeras ocupações para moças que, no fim do dia, chegavam a render um dinheiro. Por exemplo, tricotar, bordar ou fazer crochê, coisas que Jane dominava e resultavam num cachecol ou numa toalha de mesa. Mas nada lhe dava tanta alegria quanto escrever.

Infelizmente, havia dias como hoje e dias como ontem, nos quais aquilo que ela trazia ao papel não lhe parecia novo, apesar de toda liberdade, mas insosso, gasto e pesado. Os pensamentos não eram ágeis, as palavras não vinham em jorros; cada uma delas custava muito esforço. E ainda os erros de ortografia que acabavam se imiscuindo! Ela estava dispersa demais, esse era o provável motivo, embora pudesse dispor do luxo do silêncio total. Nada de Cass, que despertava bocejando; nada da mãe ou do pai, que desciam as escadas tossindo e pigarreando, pois ainda era muito

cedo. E até os meninos — que em geral se hospedavam na casa paroquial porque o pai de Jane não era apenas pároco, mas também diretor da escola e lhes dava aulas e abrigo — passavam os feriados com suas famílias.

Ela passou os olhos por como havia caracterizado ambas as Dashwood: o nome *Elinor* estava escrito ali mais como apontamento para si mesma do que para o leitor, pois ela ainda precisava achar uma possibilidade de inserir de maneira elegante os detalhes no texto concebido como um romance epistolar, *a mais velha, cujos conselhos foram tão efetivos, possuía a força do entendimento e a tranquilidade do juízo, que a qualificavam, embora com apenas 19 anos, a ser conselheira da mãe e lhe permitiam muitas vezes contrabalançar, para benefício de todas, aquele espírito inquieto da sra. Dashwood que em geral a levava à imprudência. Tinha um coração muito bom — sua disposição era afetuosa e seus sentimentos eram fortes; mas ela sabia como governá-los; era um conhecimento que sua mãe ainda precisava adquirir, e que uma de suas irmãs estava decidida a nunca aprender.*

*Os talentos de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante parecidos com os de Elinor. Ela era sensível e inteligente; mas ardorosa em tudo; tristezas, alegrias, nada nela era moderado. Ela era amável, interessante: mas era tudo menos prudente.**

Ah, se Jane também fosse um pouco mais cautelosa! Daí ela não se importaria em ficar sem ação na sua escrivadinha, esperando ser beijada pela musa. Infelizmente, porém, Jane estava se sentindo muito impaciente naquele dia. Ela ergueu o olhar e observou a parede pintada de um azul delicado. Algo nela se rebelava. Por experiência, sabia que era preciso deixar para lá — escrever tensa era semelhante a tentar sorrir estando furiosa. Dessa maneira não era possível convencer ninguém e, enfim, as folhas rabiscadas acabariam tendo as chamas da lareira por destino.

Com algum desânimo, mas por outro lado, consolada pela lembrança de que tinha marcado de tomar café da manhã com Alethea, ela fechou o tampo da escrivadinha. As mãos permaneceram descansando por mais alguns instantes no mogno liso, depois levantou-se dizendo que a criatividade não era algo que podia ser forçado e trocou o vestido simples por algo mais fino. Quando ia passear em Manydown Hall, era preciso estar com a aparência um pouco mais elegante; já os grandes tamancos de

* Tradução de Alexandre Barbosa de Souza, assim como de outros trechos de *Razão e sensibilidade*. (São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012). [N. da T.]

madeira lhe dariam um ar de camponesa, mas que culpa ela tinha por seu pai não possuir uma carruagem? Na verdade, isso não preocupava Jane. Ela adorava passear, independentemente dos caprichos da meteorologia. Seja com vento ou sol, chuva ou granizo, Jane ia e voltava caminhando os 6km até sua amiga, em Basingstoke; certa vez, inclusive à noite, embora tenha ficado com um pouco de medo.

Novamente seu olhar passou pela cama de Cassandra até as aquarelas enfileiradas no beiral da lareira — retratos de Jane, feitos por Cass. Jane com um vestido largo, Jane apoiada num salgueiro, às margens de um lago. Como Cass tinha dificuldade em dar vivacidade a rostos, ela sempre os pintava de trás. Se fosse por meio dessas pinturas, alguém que não conhecesse Jane certamente imaginaria que ela era feia de doer.

Isso não era verdade, pensava ela. Jane gostava da pele fresca, dos olhos castanhos escuros reluzentes e do cabelo castanho; investindo algum trabalho nele, era possível fazê-lo emoldurar seu rosto em ondas delicadas. A propósito da pele fresca: era hora para uma rápida higiene. A água na bacia estava geladíssima quando Jane mergulhou o rosto ali. Ela ergueu a cabeça, secou-a rapidamente com a toalha e passou nas bochechas um pouco do creme de rosas que Martha, uma amiga tão próxima quanto Alethea, havia feito para ela. Em seguida, desceu as escadas. Infelizmente apenas no penúltimo degrau ela se lembrou que, se quisesse sair de casa sem ser notada, era preciso fazer silêncio. Ela chegou ao corredor escuro feito breu da maneira mais calada possível. Tateou à procura do sobretudo e do chapéu, picou o dedo num galho de azevinho que Cass havia pendurado ainda antes da sua partida, visto que ela era a única da família a se preocupar com tais detalhes festivos, sussurrou um “ai!”, tateou até a porta de saída e abriu-a. Nesse instante, ouviu os passos da mãe no alto.

“Jane? Jane, é você?”

“Sim, mamãe, e estou de saída.”

“Mas Jane, eu achei que você fosse me ajudar hoje!”

“Sim, mamãe! No máximo em três horas estou de volta.”

“Três horas? Jane!”

Mas Jane já tinha passado pelo portão do jardim e andava apressada com seus tamancos de madeira em direção à rua que margeava a floresta. Que sorte! Sua mãe certamente não a seguiria de camisola.



“Pelo amor de Deus, Jane, você entrou no meio de um furacão?”

Alethea, que parecia ter passado horas diante do espelho, começou a rir alto quando Jane entrou no salão.

“É como me pareço?” Jane tocou a cabeça e deu de ombros. “Acho que estou descabelada.”

Ela sentou-se na cadeira de plush rosado e observou, encantada, a oferta de pratos que sua amiga tinha pedido para ela. Prontamente, ergueu o olhar e encarou a outra com uma severidade fingida.

“Você está querendo que eu saia rolando na pista de dança do baile dos Chute.”

“Nada disso!” Alethea ficou vermelha. Ela se parecia exatamente como a mãe de Jane tinha imaginado ardentemente a própria filha antes do seu nascimento: pequena e frágil, com cabelos loiros longos, sedosos e brilhantes. Seus olhos eram de um azul-céu de verão, e um narizinho arrebitado decorava o rosto bonito. Alethea vestia suas roupas com elegância e graça, podendo passar horas equilibrando livros sobre a cabeça — enquanto Jane os pegava depois de pouquíssimo tempo e começava a lê-los —; ou seja, era o protótipo de como uma moça devia ser e seu maior desejo era conseguir um marido.

Embora Jane e ela fossem tão diferentes — e embora a senhora Austen não cansasse de reforçar que Alethea devia ser um exemplo para Jane —, ambas as jovens se davam muitíssimo bem. Há três anos, a família de Alethea havia se mudado para a enorme propriedade em Basingstoke, não distante de Steventon. Alethea era a mais jovem das irmãs, mas havia ainda um irmão menor, que algum dia seria dono de Manydown Hall e o parque que o rodeava. Até lá, entretanto, havia muito tempo pela frente. Tempo no qual Jane podia provar todas as coisas mais maravilhosas que eram produzidas naquela casa: tortinhas de maçã, pãezinhos e bolinhos, enquanto na casa paroquial o café da manhã era composto geralmente por torradas e chá.

“E como você ficou descabelada?”, perguntou Alethea depois de um tempo, no qual ela ficou assistindo Jane se servir de tudo um pouco.

“Ah!”, exclamou Jane, revirando os olhos. “Como você acha que foi?”

“Tem alguma relação com sua mãe?”

“Sim, mas apenas indiretamente”, respondeu Jane, esforçando-se a falar de maneira clara, apesar de ter um bocado de torta de maçã na boca. “No caminho até aqui topei com nossa vizinha. A senhora Henderson quis saber de todos os detalhes do casamento de Cass e depois começou a falar do meu.”

“Ah, misericórdia!”

“Pois é. Mas não acredito que a senhora Henderson teria tido essa ideia sozinha. Como ela me disse, ontem ela caminhou metade do trajeto de volta do vilarejo na companhia de mamãe, que tem planos muito concretos para mim. Mesmo que ainda não exista nenhum candidato em vista, todo o resto já foi pensado e calculado exatamente. Meu casamento — seja lá com quem for — vai custar o último fio de cabelo de mamãe e mais a manteiga do seu pão, mas felizmente o homem em questão vai dispor de uma quantidade significativa de dinheiro e pagará um dote, de modo que mamãe poderá viver como sempre sonhou.”

“Você tem certeza que isso é o que sua mãe deseja para você?”, Alethea a interrompeu. “No caso de Cass, ela não ficou insistindo para que o noivo fosse um herdeiro...”

“Não, mas sou a mais nova. Em quem ela vai depositar suas esperanças, se não em mim?”

Jane pegou um pãozinho e passou uma boa camada de creme nele. Um raio de sol atravessou as nuvens e trouxe uma luz alegre às paredes do salão, decoradas com papel de seda amarelo-claro. Às vezes, Jane se imaginava escrevendo ali. Bastava carregar sua escrivaninha, que não era muito diferente de uma caixa de madeira portátil, e posicioná-la com vista para as árvores ao redor. Naquele lugar sempre havia silêncio. Na casa paroquial, por sua vez, o caos era onipresente. A Sra. Austen discorria em voz alta a sequência de pratos e as compras a serem feitas, o sr. Austen chamava as ovelhas com assobios ardisos — ou um de seus alunos, embora quisesse ter parado de usar o assobio para esse fim. Cass descia as escadas com seu cavalete e quando um dos irmãos de Jane estava fazendo uma visita, o barulho equivalia ao de dez rapazes.

Alethea apertou os olhos.

“Mas não é a coisa mais natural do mundo que uma mãe se preocupe com a filha?”

Quando Jane ergueu o olhar, ela viu a saudade brilhar nos olhos de Alethea. Ela não tinha mãe; em geral, não gostava de falar a respeito, mas de vez em quando, como agora, ela pensava nisso e ficava infeliz.

“Ah, querida.” Jane pegou sua mão e apertou-a. “Não fique triste, por favor. Tenho consciência que mesmo uma mãe como a minha é melhor do que ter de crescer sem nenhuma.”

Pensativa, ela olhou para Alethea, que se esforçava para manter uma expressão corajosa.

“Mas, por favor, também não subestime o que é ter alguém sempre no seu encaixo. Adoraria que pudéssemos nos dar melhor”, acrescentou Jane. “Mas o fato é que a queridinha Cass está deixando a casa, enquanto ela está sempre insatisfeita comigo.”

Alethea tomou um gole de chá e colocou a xícara de porcelana finíssima com cuidado sobre o pires.

“Não acredito nisso, Jane. Sua mãe pode mostrar seu amor de um jeito diferente do que você gostaria, mas só por ela querer casar você já mostra que há afeição envolvida. Além disso, ela é muito carinhosa com você e até a admira! Ela vive dizendo o quanto você é inteligente. E ela também não gosta quando você lê seus textos em voz alta?”

Isso podia corresponder à verdade, mas mesmo assim... Entre Jane e a mãe havia algo que a aborrecia, como se fosse um espinho. Apesar disso, até a Sra. Austen — uma pessoa inegavelmente complicada — tinha seus lados bons. Ela achava que as moças podiam gostar de ler; e, diferentemente de outras pessoas da vizinhança, não dividia a opinião de que as mulheres tinham de mostrar a inteligência fechando a boca.

“Mas agora conte você! Quais as novidades?”

Jane tomou um gole do chá, preto e aromático, apreciando-o de olhos fechados.

“Ah!”, exclamou Alethea. “É possível que você ainda não saiba!”

“O quê?”

“A madame Lefroy está recebendo a visita do sobrinho.”

Essa era realmente uma surpresa! Como é que Jane não estava informada a respeito? A casa paroquial da família Lefroy ficava bem mais perto da casa dos Austen do que a propriedade da família de Alethea. Além disso, Jane imaginava ter um relacionamento bem próximo com a madame Lefroy, que dividia o interesse de Jane por literatura e poemas.

“E quem é esse sobrinho? Você já o conheceu?”

“Você não sabe nadinha mesmo?”, perguntou Alethea, surpresa, balançando a cabeça.

“Nadinha de nada. Felizmente nem a mamãe”, acrescentou Jane com a voz baixa, “senão eu não estaria sentada aqui, mas ao lado do rapaz tentando fazê-lo me pedir em casamento.”

O rosto de Alethea ruborizou-se levemente. “Não sei se ele é jovem.”

“Já que é sobrinho da madame Lefroy, não será nenhum velhusco.”

Mas daí Jane se lembrou que sua amiga Anne Lefroy era 26 anos mais velha do que ela e, portanto, poderia sim ter um sobrinho de 30 ou mais anos.

“O que você ouviu falar sobre ele?”, perguntou ela, visto que sua curiosidade tinha sido aguçada. Ela havia passado muitas horas na paróquia da família Lefroy. E não se lembrava de a madame Lefroy ter alguma vez mencionado a existência de um sobrinho. Ou será que tinha? Jane estava em dúvida...

“Ele mora na Escócia?”

Alethea fez que não com a cabeça.

“Na Irlanda. Mais especificamente, em Dublin, onde se formou no Trinity College. Acho que ele está a caminho de Londres, para estudar direito, e acabou fazendo um desvio por Hampshire.”

“E o que mais as pessoas dizem sobre ele?”

“Ah, você sabe do que se fala.” Alethea deu um sorrisinho. “Elas fazem de conta que não estão nem um pouco interessadas, mas ficam fofocando o tempo todo. Há boatos de que o senhor Thomas Langlois Lefroy é excepcionalmente bonito e incrivelmente inteligente e que algum dia terá muito sucesso, mas não será rico; que é o homem mais charmoso que existe e um pouco arrogante, mesmo sem motivo para tanto. E ele...”

“...não poderia exalar um perfume melhor”, Jane terminou a frase de Alethea.

“Não foi isso que eu quis dizer!”

“Mas por que não? Ser perfumado é uma qualidade positiva.”

“Ser perfumado não é uma qualidade, Jane. Você deveria saber isso melhor do que qualquer uma.” Alethea balançou a cabeça, repreendendo a amiga.

“Bem, vamos resumir”, disse Jane. “Não há ninguém em Steventon, Basingstoke e arredores que parece ser mais sedutor que o sobrinho da madame Lefroy. E justamente você não está verde de curiosidade por ele?”

“Bem...”

“Bem?”, perguntou Jane. “Você não acha que poderia se apaixonar por esse senhor Lefroy?”

As faces de Alethea ficaram ainda mais afoqueadas e seus olhos tinham um brilho febril.

“Mas nunca nem o vi!”

“O que não quer dizer muita coisa.”

Alethea bateu em Jane com seu leque.

“Você é impossível.”

Mas era verdade. Alethea também não havia conhecido pessoalmente uma porção de outros rapazes. Essa circunstância não a havia impedido de imaginar seu casamento com cada um deles nos mínimos detalhes. Ah, se ela fosse filha da Sra. Austen, assunto de conversa não faltaria nunca...

“Já disse que ele não tem nenhuma herança a receber em vista? Há inúmeros irmãos e, além disso, o pai fez um casamento ruim, como se diz. É que ele...” Alethea curvou-se e baixou a voz, embora não houvesse ninguém por perto para ouvir sua conversa “...ele se casou por amor.”

“Deus do céu, como ele pôde fazer uma coisa dessas!”, exclamou Jane de maneira exageradamente teatral.

Alethea, que pareceu não notar o sarcasmo na voz de Jane, assentiu séria e franziu a testa.

“Então você vai compreender...”

“Mas você também gostou dos meus irmãos e nenhum deles foi abençoado com a expectativa de uma herança.”

Alethea pensou em se defender, mas acabou deixando isso de lado.

“Eu gostaria de ser mais do que apenas sua amiga”, disse ela, “como também sua parente. Mas não quero saber do senhor Lefroy. Fique com ele, se quiser.”

Assustada, Jane ficou agitando as mãos diante do rosto de Alethea para fazê-la ficar quieta.

“Não dê essas ideias bobas à mamãe! Vou fazer de tudo para que ela não vá a nenhum baile da vizinhança enquanto esse tal de senhor Thomas sei-lá-das-quantas Lefroy estiver por perto. No momento em que formos apresentados, mamãe já vai escutar os sinos da igreja! Nesse caso, prefiro escolher alguém do vilarejo. Daí pelo menos vou saber com quem estou lidando.”

“Jonathan Byers ou Thomas Gallagher?”, apostou Alethea, dando risadinhas.

Jane olhou pensativa para o papel de parede.

“Exato”, disse. “Mesmo se não for fácil para mim. Afinal, sei que o alto e bem apessoado senhor Jonathan Byers adorava comer minhocas durante a infância.”

Alethea riu mais alto.

“E me lembrou ainda hoje do cheiro exalado pelas meias do jovem Fenthlow depois de um longo e exaustivo dia. Além disso, certa vez dei

uma boa olhada nas crateras profundas que se formaram nos dentes do senhor Gallagher, que, pelo que sei, ainda não é muito fã de usar dentifrício.”

Alethea quase caiu da cadeira de tanto rir.

“Você é demais, Jane.”

Séria, Jane olhou para a mesa, mas em seguida recomeçou.

“Não”, ela se ouviu dizendo de maneira não muito clara, “as tortinhas de maçã estão uma delícia.”

“Estamos com um cozinheiro novo. Da França.”

“Ah, é?”

“Desde então, Harris não sai mais da cozinha.” Alethea suspirou. “Mas a bem da verdade, não se trata do cozinheiro, mas da sua ajudante. Ela é muito bonita. Harris desenha coelhinhos para ela. Acho que ele está apaixonado.”

“Seu irmão só tem 10 anos, Alethea. E aliás, como ele poderia se apaixonar por uma mulher que não fala nem sua língua? Ou ela não é francesa?”

“É, sim. Harris já passou dos 10 anos, Jane, você sabe disso muito bem. Ora, Romeu e Julieta eram adultos? Em terceiro lugar, não é preciso uma língua em comum quando se trata da arte de preparar uma refeição esplêndida, não é?”

Alethea passou a mão pelo vestido para limpar algumas migalhas de bolo. O azul-claro da roupa combinava lindamente com a cor de seus olhos.

Jane ficou olhando para a frente, pensativa, depois seu rosto ficou radiante.

“Você me empresta um lápis, Alethea?”

Depois de um olhar de esguelha, surpreso, Alethea se levantou, foi até uma mesinha lateral que ficava debaixo do retrato em óleo de um antepassado de olhar dominador da família Bigg-Wither e abriu a gaveta.

“Mas como essa relação vai durar, depois desse desperdício extraordinário de assuntos?”, murmurou Jane, anotando as palavras num guardanapo de pano. “Logo vocês terão exaurido todos os seus tópicos preferidos.”

Alethea acompanhou a mão ágil de Jane com um olhar admirado.

“Em seguida”, Jane continuou falando, quase rindo de satisfação, “Marianne exclamou, você acha justo falar assim comigo? Acha certo? Minhas ideias são tão disparatadas? Mas entendo o que você quer dizer. Fiquei muito à vontade, muito contente, fui muito franca, contrariei todos os ditames do decoro; fui aberta e sincera quando devia ter sido reservada,

desanimada, maçante e furtiva — se tivesse falado apenas sobre o clima e as estradas, e por apenas dez minutos, seria poupada dessa censura.”

“Que bonito, Jane, mas o que tem a ver com Harris e nossa ajudante de cozinha?”

Jane desculpou-se com um sorriso, mas não foi possível reconhecer um arrependimento autêntico no seu rosto.

“Muito! Ou...”, acrescentou ela depois de refletir um pouco, “...ou nem tanto. Já contei a você do meu romance epistolar de Elinor e Marianne, e eu...” Ela inspirou profundamente e balançou a cabeça, desanimada. “Não consigo avançar! Não encontro o tom correto para as duas irmãs, mas há pouco eu estava com tudo na cabeça, como se elas finalmente estivessem comigo... Desculpe”, disse ela, “não quero que você ache que eu a escuto apenas para procurar por ideias.”

Alethea se forçou a sorrir, mas parecia triste. Jane tentou animá-la mais algumas vezes, em vão. Provavelmente ela estava preocupada com o futuro, já que Harris, ao se casar algum dia, receberia tudo — Alethea e as irmãs ficariam sem nada.

Entretanto, Jane duvidava que justamente uma ajudante de cozinha francesa seria a eleita.

Normalmente ela e a amiga achavam algo sobre o qual podiam cair na gargalhada juntas — fosse um comentário maldoso de Jane sobre um vizinho ou um relato de Alethea sobre o irmão mais novo, que estava sempre se comportando de maneira amorosamente desastrada. Naquele momento, porém, o bom humor ficou como que escondido sob nuvens densas. Quando Jane se despediu, ela se esforçou mais uma vez em animar a amiga ao lembrá-la dos feriados, mas Alethea apenas fez uma careta cansada.

“A gente se vê em breve, certo?”, perguntou Jane, encostando o rosto no cabelo de Alethea.

“Claro”, respondeu Alethea, tensa, dando um passo para trás.

Jane se afastou, triste, e caminhou de volta com os tamancos de madeira pelo parque de ligeiro declive até o portão de aço forjado. No caminho de casa, que passava por florestas de coníferas e brejos, ela pensou sobre Alethea. No começo, ao se conhecerem, elas conversavam quase sempre sobre partituras de música e trabalhos manuais. Quando Jane falava de sua rotina — das brincadeiras com os garotos que viviam na casa do seu pai, de construir barcos de galhos de pinheiros e usar bolotas e castanhas para fazer homenzinhos —, Alethea ouvia com os olhos

arregalados. Ela tinha uma governanta e muito menos liberdade; apesar de Jane adorar visitar a amiga em Manydown Hall, ela não invejava sua vida naquele lugar.

Há alguns anos, elas tinham descoberto a paixão comum pela dança e a partir do instante que tiveram permissão para frequentar os bailes dos arredores, ninguém mais as parou. Elas andavam tão juntas que Martha, a outra boa amiga de Jane, às vezes perguntava com algum ciúme na voz se Jane não podia vir visitá-la também, para que finalmente elas pudessem ficar a sós.

Há cerca de um ano, Alethea ocupava-se do próprio futuro. Jane, por sua vez, embora fosse dois anos mais velha, não prestava muita atenção ao seu. Será que sua amizade tinha sofrido por causa disso?

“Talvez eu devesse me apaixonar”, murmurou ela, apenas para ouvir o som da frase.

Diante dela, um esquilincho saltava de galho em galho. O céu estava cinza-escuro. A visão não era exatamente emocionante, assim como essa ideia não animava seu coração. Ela não sabia nem mesmo como essas coisas funcionavam. No caso de Cass, simplesmente aconteceu, mesmo que tivesse demorado muito, muito tempo. Tom Fowle, com quem ela logo se casaria, era um desses jovens rapazes que tinham dividido a casa com elas — como ex-aluno de seu pai e com quem Cass continuou mantendo contato. Jane, porém, nunca sentira nada por um rapaz, nem por um daqueles que morava na casa paroquial nem por um dos moços do vilarejo. Havia outros jovens, claro, nas comunidades vizinhas: Tom Chute, por exemplo, com quem certamente ela dançaria um pouco no baile da próxima semana; os irmãos Harwood, de Deane; um dos Portal. Ah, eram inúmeros! Mas ninguém que Jane conseguia imaginar ao seu lado.

Numa colina, da qual era possível ter uma visão exuberante de Steventon, ela começou a andar mais devagar e, por fim, parou. Depois, apoiou-se no tronco de uma árvore e tateou as fissuras finas da casca. Será que o fato de seu coração nunca ter batido mais forte ao olhar para um homem deveria preocupá-la? De todo modo, ela tinha completado 20 anos uma semana antes. E se ela não fosse capaz de amar? E se seu interior ficasse mudo para sempre? Uma artista tinha de sentir, tinha de sentir dor e representá-la com palavras; ela precisava saber sobre o que escrevia!

Jane apoiou o rosto no tronco e fechou os olhos. Suspirou profundamente e decidiu-se a não quebrar mais a cabeça. Caso um dia fosse se